O AMANTE, DE MARGUERITE DURAS, SOB O OLHAR DO FEMINISMO

[1] Lourdes de Lima Weber
[2]Elis Regina Fernandes Alves

Resumo: Este artigo apresenta uma análise da obra *O Amante*, de Marguerite Duras, sob a perspectiva do feminismo. Empregou-se a teoria literária feminista, que analisa a escrita feminina e a mulher como personagem, para averiguar a discriminação e a inferioridade da mulher sem virgindade, além de ter sido realizado um breve levantamento sobre a posição ocupada pelas mulheres ao longo da história que foi aplicado na obra que retrata a década de 30 na Indochina. Objetivou-se analisar como a personagem protagonista, uma menina de quinze anos e meio é inferiorizada por ter um amante, tendo sexo antes do casamento. Ao longo das análises verificou-se que mesmo sendo discriminada pela família e a sociedade machista a menina não desiste de viver momentos de prazer ao lado de seu amante chinês. Ainda que tenha sido alvo de uma sociedade patriarcal, ela encontra forças para superar seus dilemas e viver ao lado do amante até as últimas conseqüências. Assim sendo, a protagonista age como sujeito, dona de seus desejos, suas vontades e de seu destino.

Palavras-chave: Feminismo literário; sexo; *O amante*.

Abstract. This article presents an analysis of the work The Lover, by Marguerite Duras, from the perspective of feminism. We applied the feminist literary theory, which analyzes the female writing and the woman as a character, to investigate the discrimination and inferiority of the not virgin woman, besides a brief survey on the position occupied by women throughout history that was applied in this work which depicts the 30s in Indochina. The aim was to analyze how the main character, a fifteen-and-a-half-year- old girl is inferiorized for having a lover, having sex before marriage. Throughout the analysis it was found that even being discriminated by her family and the sexist society, she does not give up of living moments of pleasure with her Chinese lover. Although she was the target of a patriarchal society, she finds the strength to overcome her dilemmas and live next to her lover, suffering the consequences. Thus, the protagonist acts as a subject, owns her desires, wishes and fate.

Keywords: Literary Feminism, Sex, *The lover*.

INTRODUÇÃO

O feminismo é um movimento que abrange diversos aspectos da vida da mulher frente à sociedade tradicionalmente patriarcal, buscando entender a sua condição, sua evolução e os rumos que as lutas empreendidas por mulheres tomam mediante a mudança da vida social ao longo dos anos. Procura ainda dar maior relevância as suas lutas, suas dores, sofrimentos por melhores condições de vida, as discriminações sofridas por tomarem coragem de ir à luta por melhores condições de vida, inclusive no

---

[1] Acadêmica do Curso de Letras- Línguas Portuguesa e Inglesa da UFAM- IEAA.
[2] Professora orientadora.

convívio familiar. Competia à mulher do século XIX e início do século XX ser procriadora, senhora do lar, ser submissa primeiramente aos pais e depois aos esposos, não possuíam o direito de opinar nos negócios da família, nem mesmo nas crenças religiosas. No campo literário, o feminismo enfatiza a produção literária feminina, a evolução da mulher como escritora, a representação das personagens femininas (feita por autores ou autoras), o valor dado à escrita feminina, etc.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é analisar a personagem principal de *O Amante,* de Marguerite Duras (1985), verificando como age esta personagem frente a uma sociedade conservadora que tende a inibir o desejo da mulher. O romance descreve uma mulher forte determinada que não tem receios de enfrentar a vida. Buscamos verificar se esta personagem age como sujeito ou deixa ser um objeto nas suas relações sociais e pessoais.

Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico e caráter qualitativo sobre os movimentos feministas e literários na obra *O Amante*, de Marguerite Duras, e tem fundamentação teórica embasada nos autores: Bonnici (2007), Michel (1982), Zolin (2003a e 2003b), Beauvoir (1980) e Alves e Pitanguy (1985), há também trechos retirados da obra que darão subsídios às análises da personagem central com a expectativa de alcançar os objetivos.

1. OS MOVIMENTOS FEMINISTAS

A mulher, ao longo dos séculos, passa por muitas dores, repressões e sofrimentos devido à sua condição feminina que, de acordo com a sociedade patriarcal, dominante até hoje em certas situações, taxou o sexo feminino como um ser inferior, desprivilegiada de direitos e dotada de deveres. Somente lhe era permitido ser obediente, dominada e submissa aos pais e posteriormente aos maridos. A função da mulher casada era a de procriar e alargar a espécie humana sem causar nenhum aborrecimento ao cônjuge. (MICHEL, 1982).

As tarefas que lhes cabiam eram os deveres domésticos, os cuidados dos filhos, a disponibilidade para o sexo e outros deveres que cabiam aos escravos ou outras classes consideradas inferiores, sem valor social, econômico e cultural. Somente aos homens pertenciam as tarefas fora de casa, voltadas às artes, políticas, aos negócios lucrativos. Para Michel (1982), até início do século XX a mulher não tinha voz e nem vez, não

poderia jamais opinar nos negócios do marido ainda que isso lhe fosse vantajoso. Além disso, considerava-se que o sexo feminino trazia, em si, características negativas típicas de sua natureza e, por isso, nem os deuses viam a mulher como um ser valoroso, menos ainda a Igreja Católica Romana que a taxava apenas como procriadora. Alves e Pitanguy afirmam que:

> Na Grécia a mulher ocupava posição equivalente à do escravo no sentido de que tão-somente estes executavam trabalhos manuais, extremamente desvalorizados pelo homem livre.
> Tendo como função primordial a reprodução humana, a mulher não só gerava, amamentava e criava os filhos, como produzia tudo aquilo que era diretamente ligado à subsistência do homem: fiação, tecelagem, alimentação. [...] 'Os Deuses' criaram a mulher para as funções domésticas, o homem para todas as outras'. (1985, pp.11-12).

A mulher, durante muito tempo, se conformou com sua posição de inferioridade e escravidão, mas chegou o momento em que resolveu lutar por melhores condições de vida, igualdade, buscando direitos e deveres como os homens. As manifestações contra a sujeição ao sexo masculino começam timidamente, no ambiente doméstico e se espalham por outras áreas, como afirmam Alves e Pitanguy:

> Não é tão-somente na circunscrição ao âmbito doméstico que se atualiza a ideologia da feminilidade. Ela ultrapassa a porta da casa e se verifica também no tipo de formação e de atividade profissional da mulher. Demarca assim espaços femininos e masculinos no mundo externo. [...] Quer seja como empregada doméstica, onde substitui outra mulher nas tarefas que seriam específicas ao seu sexo, quer seja nos serviços de escritório, nos magistérios, na enfermagem, ela cuida, serve, atende, ensina. (1985, pp.64- 65)

O movimento feminista inicia-se, ainda sem sistematização, com a busca por voz dentro do próprio lar e torna-se crescente objetivando minimizar os problemas sociais e as desigualdades entre os sexos. Os questionamentos começam a surgir com relação à ocupação das mulheres numa sociedade machista, repressora e discriminadora. As mulheres tornam-se encorajadas e encorajadoras de tantas outras, que decidiram denunciar as humilhações, os caprichos e submissão a qual estavam sujeitas por imposição dos homens. (ALVES E PITANGUY, 1985).

A luta feminina começa a dar resultado positivo e a mulher aos poucos conquista seu espaço na sociedade machista, começa a exercer atividades até então designadas

somente ao sexo masculino, como o ingresso a Universidade, uma conquista valiosa das feministas do século XIX. Michel descreve essa conquista dizendo:

> O acesso à educação em todos os níveis foi uma grande conquista das feministas do século XIX. Vimos isso em relação à educação primária. Na França, as feministas lutaram muito para que as jovens tivessem acesso às escolas secundárias. As mulheres passaram a ter acesso às Universidades no final do século, tendo encontrado resistência por parte dos homens. (1982, p. 64)

O movimento feminista continua na luta, após conquistar o mercado de trabalho, o acesso à Universidade, e o direito ao voto em 1918, na Inglaterra. Além disso, a mulher almeja livrar-se do casamento mal sucedido e opressor. Michel descreve a conquista do movimento feminista através de decretos que facilitam a vida da mulher casada e atuante no mercado de trabalho, como vemos no trecho seguinte que evidencia as conquistas feministas:

> Os primeiros decretos da Revolução Bolchevista criaram o seguro-doença, a gratuidade dos cuidados durante 16 semanas antes e depois do nascimento de uma criança e a proibição de despedir uma mulher grávida. Suprimiu-se a dominação do marido no casamento e na administração dos bens do casal, facilitou-se o divórcio e o filho ilegítimo tornou-se igual ao filho legítimo. (MICHEL, 1982, p.73).

Vale ressaltar que as lutas levadas a cabo pelas mulheres em busca da igualdade entre os sexos, custaram-lhes caro, pois milhares delas foram presas, torturadas e mortas por levantarem a bandeira dos protestos, da repúdia, do descontentamento à situação a qual estavam sujeitas em uma sociedade dotada de privilégios somente ao homem. Após humilhações, discriminações, prisões, torturas e mortes, o movimento feminista não para de alcançar êxito nas lutas e batalhas ao longo dos séculos, principalmente na Inglaterra, França e Estados Unidos, países onde os movimentos feministas iniciaram-se com mais força e obtiveram mais êxito, segundo Michel (1982). Um dos direitos alcançados foi o do aborto, fazendo com que as mulheres deixassem de ser apenas procriadoras e passassem ser donas de suas próprias vontades, como vemos:

> As feministas da Inglaterra e dos Estados Unidos foram, também nesse aspecto, pioneiras da luta pelo aborto contra os defensores do irredentismo natalista e os *Laisses-les-vivre*. Em 1967, a liberdade do aborto foi inaugurada na Inglaterra; em 1973, foi a vez dos Estados Unidos; em 1975, da França; em 1978 da Itália. (p. 82)

Ainda assim, após tanto tempo de luta, avanços e retrocessos, as mulheres continuam batalhando e conquistando seu espaço na sociedade, pois este ainda não é igual ao do homem. Porém, adiantam e melhoram, aos poucos, esta condição de desigualdade, como afirma Beauvoir:

> Considerando-se apenas os direitos abstratos de que gozam, são ambos quase iguais hoje, escolhem-se mais livremente do que outrora, podem muito mais facilmente separar-se, sobretudo na América do Norte onde o divórcio é comum; há entre os esposos menos diferença de idade e de cultura do que antes; o marido reconhece com maior boa vontade a autonomia que a mulher reivindica; algumas vezes partilham em igualdade de condições os cuidados da casa; suas distrações são comuns.(1980, p. 244)

Nas palavras de Beauvoir (1980), a mulher avança na conquista pela igualdade, embora a passos lentos. Vejamos agora como se dá a situação do movimento feminista na literatura.

2. O MOVIMENTO FEMINISTA LITERÁRIO

Condicionado ao movimento feminista a literatura de autoria feminina surge timidamente com tendências e características masculinas inicialmente, pois a mulher ainda não se direciona à escrita com pensamentos dissociados dos padrões patriarcais e opressores que a retratou como objeto durante séculos. É a fase conhecida como “fase feminina” (ZOLIN, 2003b), que vai desde o início dos escritos femininos até início do século XX.

Os estereótipos femininos dos personagens são uma constante nas obras produzidas por mulheres no século XIX, devido à visão masculina impregnada nas escritoras em razão das imposições sociais e políticas às quais estavam submetidas, ditadas pela sociedade patriarcal.

A mulher começa a acreditar que, apesar da submissão, ela é capaz de fazer parte do universo literário, porém, a sua inserção não foi muito bem aceita pelo fato de a escrita masculina dominar o mundo da arte literária. No início foi necessário o uso de pseudônimos masculinos para que sua escrita fosse aceita pelos críticos letrados. Zolin nos evidencia:

> Como consequência dessa primeira onda do feminismo, muitas mulheres tornaram-se escritoras, profissão, até então, eminentemente

> masculina; mesmo que para isso tenham tido que se valer de pseudônimos masculinos para escapar às prováveis retaliações a seus romances, motivadas por esse "detalhe" referente à autoria. (2003a, p. 165)

Podemos observar nas exposições da autora o quanto foi difícil para a mulher adentrar no rígido mundo dos literatos letrados que viam o sexo oposto como inferior e incapaz de se igualar ao homem na capacidade intelectual. Um exemplo bem marcante do uso de pseudônimo masculino é o da inglesa Mary Ann Evans, que assinava como "George Eliot". No entanto, ainda que a passos lentos, a mulher vai ocupando o lugar que lhe é de direito, isso lhe foi confiscado por pura "má fé" como dizia Sartre em "O ser e o nada", a mulher começa a tomar posicionamentos, deixa de ser objeto para tornar-se sujeito de ação adquirindo sua subjetividade e autonomia.

Esta primeira fase do feminismo literário, segundo Zolin (2003b, p.257) é marcada por escritoras que trazem no bojo de seus escritos padrões patriarcal arraigado devido à pressão psicológica, e convenções literárias sociais internalizadas, as obras femininas foram [...] "marcadas pela reduplicação da tradição, tanto no que se refere às questões éticas e ideológicas, como no que tange às estratégicas". O romance *A letra escarlate*, (1850) do norte-americano Nathaniel Hawthorne, narra a história de Hester Prynne, uma mulher submetida à vergonha por ter cometido adultério, por isso é obrigada a usar a letra "A" vermelha no peito (símbolo do adultério e do pecado). Isolada dos outros membros da comunidade puritana por ser uma pecadora, resta a Prynne o choro, o conformismo e o sofrimento como purificação de seu pecado.

Em acordo com as palavras de Zolin (2003b, p. 257): "Neste típico romance da fase feminina, tudo é construído de acordo com a mais estrita ideologia patriarcal, em que a mulher não tem voz, nem vez; a maior arma de que dispõe para atingir seus objetivos é o pranto." O trecho de Zolin descreve exatamente as características da personagem citada acima, estereotipada como pecadora, adúltera, condenada à solidão e ao desprezo da sociedade, herdando apenas o pranto e peso de seu pecado exposto no peito à vista de todos para servir de exemplo às demais.

Com o passar do tempo a literatura feminina deixa seus traços patriarcais para ganhar novas características. O enredo, o estilo e a estrutura ganham uma nova forma, os padrões patriarcais são rompidos, surge um modelo diferenciado, as personagens femininas passam a ser menos estereotipadas, começam a sair da submissão e conquistam sua independência tornando-se mais ativas na sociedade. É a segunda fase

do feminismo, chamada de “fase feminista” (ZOLIN, 2003b), que rompe com os padrões patriarcais e o novo estilo é marcado por forte ironia à opressão submetida às mulheres: “Trata-se do marco inicial da *fase feminista.* [...] São narrativas que questionam, por meio de discurso irônico, o modelo patriarcal em que a mulher fica reduzida ao que o espaço pode lhe proporcionar." (ZOLIN, 2003b, pp. 257-8).

Nesta fase, a grande teórica do movimento feminista, não só na literatura, embora com mais evidência nela, é Virgínia Woolf, que rompe com as tradições vitorianas e descreve o ser feminino através do fluxo da consciência, ou seja, tenta mostrar-nos a mulher em seu íntimo. Para Woolf a mulher escritora necessita de privacidade e independência para edificar seus escritos (textos, poesias, romances, etc.). Em *A room of one’s own*, traduzido como *Um teto todo seu*, ela afirma que: “A woman must have money and a room of her own if she is to write fiction” (WOOLF, 2000, p.6). A idéia central do ensaio foi mostrar que as circunstâncias do meio e a sujeição intelectual influenciaram na escrita das mulheres nos séculos XVII e XVIII. Outro fator pertinente muito freqüente na literatura feminista foi o rancor e ressentimento que sentiam pelos homens por transformarem suas vidas e escritas mais difíceis do que normalmente seria sem a interferência deles na trajetória literária.

É desse período o romance *O amante de Lady Chatterley*, (1928), de D. H. Lawrence, que narra a história de Connie Chatterley, que arranja um amante após cuidar, por anos, do marido paralítico. A personagem descobre o prazer sexual nunca antes conseguido com o marido e sente-se realizada. Acaba por engravidar e decide divorciar-se, para ficar com o amante, de classe social muito inferior à sua, enfrentando o jugo da sociedade inglesa.

A partir do exposto, podemos perceber o novo modelo da escrita feminista. Dissociada das limitações, das opressões e convenções literárias, a personagem Lady Chatterley não se sujeita às convenções sociais, ela deixa uma vida de conforto, assegurada por valores consagrados, para viver uma aventura ao lado do ser amado, sem se preocupar com o julgamento da sociedade.

Embora a autoria feminina e a escrita feminista tenham ganhado espaço, vale ressaltar que ainda havia muitos obstáculos a serem vencidos nesta caminhada, os quais Woolf (2000) destaca como o ressentimento contra os homens, a falta de material, pouca experiência de vida, poucas chances de conhecer o mundo através de viagens.

Após a fase da luta da mulher contra os padrões patriarcais e sexistas, da tentativa de rompimento com as imposições masculinas na literatura, a escrita feminista ganha espaço, indo além da ironia e da ruptura com os modelos canônicos. Neste momento da literatura feminista e que perdura até a presente data, o marco fundamental é a apresentação da personagem feminina em busca de seu autoconhecimento e a descoberta de si como ser humano dotado de direitos e deveres. É a chamada "fase fêmea" (ZOLIN, 2003a), iniciada com a publicação de *O Segundo Sexo,* de Simone de Beauvoir, em 1949. Beauvoir vem a ser a grande teórica do feminismo literário e existencial/filosófico no século XX. Ela analisa a escrita feminista ao longo dos séculos, verificando as opressões sofridas pelas mulheres acerca dos problemas políticos e sociais. Em *O Segundo Sexo,* a temática do existencialismo está presente, e sua citação mais consagrada afirma que "[...] não se nasce mulher, faz-se mulher [...] Uma coisa é ser biologicamente uma mulher; outra coisa é ser moldada pela cultura e se tornar mulher" (BEAUVOIR, 1980, p. 404). A autora tematiza a construção social do que é ser mulher.

O existencialismo que Beauvoir defende é a capacidade que as pessoas têm de moldar seu destino individual através de suas atitudes e ações, por isso não se diz "mulher", mas "existencialista", sendo assim dona de seu destino. Para Beauvoir (1980) o que determina o posicionamento da mulher como um ser inferior e o homem superior são ideologias construídas socialmente. O homem por não ter as limitações da maternidade e do próprio sexo que lhe é favorável é tido pela sociedade patriarcal como dono de si e do mundo que lhe rodeia. A liberdade, segundo Beauvoir, não é dada a quem da vida, mas a quem a tira. É dessa forma que o homem se firma no universo político e econômico sobre o objeto feminino.

Nesta fase do feminismo literário, as obras tentam romper com os padrões de escrita masculina, no sentido de apontar a mulher com um ser que busca conhecer-se no mundo. Para exemplificar essa novidade na escrita tomemos o romance *A cor púrpura,* (1982), da norte americana Alice Walker. O romance narra à vida da personagem Celie, mulher negra que sofre abuso sexual do pai e que depois é entregue como objeto e não como esposa ao "senhor". Após passar por diversas situações de violência física e psicológica, Celie começa a descobrir-se como mulher ao se apaixonar pela amante do marido, Shug Avery, com quem descobre a própria homossexualidade, tomando consciência de seu corpo e de seu prazer sexual. Celie deixa de ser um objeto nas mãos

do pai e do marido e passa ser um sujeito, independente financeira e emocionalmente. A personagem Celie, que no início carrega em si muitos estereótipos consagrados pela escrita masculina, consegue poder e autonomia para determinar seu destino, sua vida, seu descobrimento como mulher. Ela Celie nos faz lembrar a existencialista Beauvoir com o pensamento de que não é preciso ser homem para garantir sua permanência entre eles, basta optar, por exemplo, não por ser mãe e esposa, mas por ser livre das amarras que a maternidade e o casamento proporcionam como fez Celie.

Simone de Beauvoir dá início a uma nova fase na teoria literária feminista e é seguida por diversas outras teóricas que contribuíram com novas idéias acerca da representação literária da mulher e da escrita feminina. Como movimento sistematizado, o Feminismo literário teve a publicação da tese *Sexual politcs* (1970) de Kate Millet, em que analisou o papel secundário das heroínas na autoria masculina dos romances, mostrando que neles a mulher é descrita de forma estereotipada, sendo que as atitudes das personagens determinam que tipo de estereótipo lhe seja atribuídas, sendo "anjo", quando provindo de bons comportamentos e "monstro", quando o comportamento não era condizente com os valores patriarcais. Segundo Zolin:

> As críticas feministas mostram como é recorrente o fato de as obras literárias canônicas representarem a mulher a partir de repetições de estereótipos culturais, como por exemplo, o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera e incapaz e impotente e, entre outros, o da mulher como anjo capaz de sacrificar pelos que a cercam (ZOLIN, 2003, p. 170).

Kate Millet ilustra o papel tradicional da personagem feminina e sua representação diante do sexo masculino, temáticas que levaram a mulher questionar seus posicionamentos na sociedade através da crítica feminista. Millet tenta desconstruir a visão binária patriarcal do sexo masculino, pondo em questionamento os valores moldados pelo homem dentro da literatura.

Também faz parte dessa tendência a crítica norte-americana Elaine Showalter, sistematizando dois tipos de vertente crítica: a de "leitura feminista", referente à análise da personagem feminina estereotipada nas autorias masculinas, a ausência da mulher na história da literatura e também a predominância do sexismo na crítica literária tradicional; e a "ginocrítica", que se refere ao estudo de textos produzidos por mulheres com intuito de enfatizar o estilo, os temas, os gêneros e a estrutura da escrita feminina. Para Bonnici: "a finalidade da ginocrítica é a formação de um cânone literário de textos

escrito por mulheres, diferente do cânone masculino tradicional" (BONNICI, 2007, p.77). Showalter defende a *ginocrítica* como suporte para produção de textos de autoria feminista privilegiando profundamente a revelação da realidade das personagens femininos, estereotipados pelo sexo oposto.

Como vimos, a Teoria literária feminista é marcada por três fases significativas: *a fase feminina*, com escritos ainda voltados aos padrões patriarcais, personagens estereotipadas, assinatura de pseudônimo e visão masculina; *a fase feminista*, composta por uma escrita que leva a personagem feminina a se libertar das opressões e a sofrer menos preconceitos; e, por fim, *a fase fêmea*, que leva a personagem a se ver como senhora de si e responsável por suas decisões, descobrindo-se.

Podemos observar que o feminismo e a literatura passaram por grandes transformações, construções e desconstruções ao longo dos tempos. A mulher, para adentrar ao universo literário fechado e pré-determinado somente para o homem, teve que vencer opressões e preconceitos. Indignadas com os personagens estereotipados, coadjuvantes, alienados criados pelos autores masculinos, fizeram com que as mulheres se rebelassem contra a escrita discriminatória e destinadas primeiramente aos homens. Vejamos agora como a personagem feminina é representada no romance *O amante*, de Marguerite Duras.

3. A AUTORA E SUA OBRA

Marguerite Duras nasceu no Vietnã, antiga Indochina, onde passou quase toda sua vida. Após a morte do pai, em 1918, sua mãe conseguiu uma concessão de terra no Camboja, mas a família teve problemas financeiros, pois não conseguiu plantar nada no local, por isso Duras teve uma adolescência pobre. Em sua adolescência teve um romance com um chinês rico, o que é contado em seu romance *O Amante*, em 1985. Foi para a França estudar e casou-se em 1939, com o poeta Robert Antelme. Durante a segunda Guerra Mundial, participou da resistência. (O AMANTE, online, 2012).

Com o romance *O Amante* (1985), obteve o prêmio *Goncourt*, o mais importante da literatura francesa. Duras faleceu em 03 de março de 1996 em Paris (Ana Rosário 2009). Escreveu outros romances, como *A vida tranqüila* (1944); *Uma barragem contra o Pacífico* (1950); *Hiroshima meu amor* (Roteiro, 1959); *O deslumbramento* (1964); *A dor* (1985); *O amante da China do Norte* (1991), entre muitos outros. Foi roteirista e

diretora de cinema. Suas obras fazem parte de uma tendência literária conhecida como novo romance (*nouveau roman*) que propôs ao romance libertar-se de sua forma tradicional, enfocando menos o personagem, que parece não ter mais o domínio do mundo, como se queria no romance tradicional. (Robbe-Grillet, 1965).

As obras de Duras parecem enfocar, muitas vezes, a colônia francesa na Indochina, amores entre pessoas de diferentes classes ou raça, personagens com forte carga emocional e psicológica. (MARGUERITE DURAS, online, 2012).

O amante é uma espécie de ficção autobiográfica, que relata a história de uma jovem adolescente de temperamento rebelde e indomável, de uma inteligência admirável. A desagregação familiar é responsável pelo amadurecimento precoce que a faz descobrir o prazer sexual antes de completar 16 anos de idade. A menina vive com a mãe e o irmão mais novo, recebendo visitas ocasionais do irmão mais velho, que é alcóolatra, viciado em jogos e drogas e causa brigas e discussões entre os membros da família, pois é protegido pela mãe.

A menina estuda em Saigon e, na balsa, encontra um chinês rico, 12 anos mais velho, que lhe oferece carona. A partir daí ambos iniciam um caso amoroso, em que ela, desde o início, domina a relação com o homem de Cholen, como o chama. O chinês é de família extremamente rica, e além da diferença de classe social, há também de raça e de cor. O chinês é fraco e incapaz de assumir qualquer compromisso com a jovem, é submisso ao pai e às convenções sociais nas quais está inserido.

A jovem francesa não se entrega por amor nem por atração física, mas por interesse financeiro o que deixa claro ao amante, pois para ela o que importa é a liberdade e não o que a sociedade pensa a seu respeito. A narrativa tem foco variado, heterodiegético e homodiegético, o que causa certa confusão na leitura, pois, por vezes, o narrador parece estar contando a história de outra pessoa, não de si mesmo. O relacionamento do casal dura um ano e meio, quando o pai o obriga a deixar a menina. O rapaz o faz, mesmo amando-a. Ela parte para a França para estudar e anos depois, quando ela já está casada, ele telefona dizendo que sempre a amaria.

4. *O AMANTE* E A EVOLUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA

A narrativa de *O Amante*, de teor autobiográfico, descreve a desagregação familiar da protagonista que se inicia com a morte do pai, o centro da família, e passa

pela crise econômica, o descontrole mental da mãe, a violência do irmão mais velho, a submissão do irmão mais novo e a rebeldia de uma jovem de apenas quinze anos e meio. A obra é narrada em *flashes* da infância em primeira e terceira pessoa, com foco na protagonista que tem comportamentos inadequados a uma francesa, que não deseja se casar e formar família como a maioria das garotas de sua idade.

A maioria dos personagens de *O Amante* não tem nome, o que causa ao romance maior intensidade e curiosidade ao leitor, os protagonistas são citados por Ele e Ela. A menina de quinze anos e meio descreve de forma imagética o envelhecimento precoce que lhe acontece antes dos dezoitos anos de idade. Há grande intensidade do romance vivido por ela e um chinês anos mais velho, que a trata como uma menina que ainda não tem corpo de mulher, mas que possui uma maturidade maior que a dele. O amante se deixa envolver por uma garota que parece infantil, porém é determinada e interessada no dinheiro e no prazer que este amante pode lhe proporcionar.

A garota de quinze anos e meio passava as férias em Violet com a família, e no final das férias a mãe leva-a ao ônibus e entrega-a ao motorista. A protagonista senta na poltrona da frente, ao lado do motorista, por ser de pele branca, isso demonstra a diferença de classe social que perdura na narrativa. A protagonista era confiada ao motorista, como podemos conferir no trecho seguinte:

> Como de hábito, minha mãe me acompanhou e me confiou ao motorista, estava sempre me confiando aos motoristas de Saigon, caso houvesse acidente, incêndio, violação, ataque de piratas, defeito fatal na balsa. Como sempre, o motorista fez com que me sentasse ao seu lado, no banco da frente, o lugar reservado para passageiros brancos (DURAS, 1985) p.13, 14).

Já no início do romance, podemos notar a descrição de uma personagem feminina que não atende aos padrões sociais imputados às mulheres de sua época, pois a autora descreve uma personagem feminina independente, de certa forma, que viaja sem a vigilância dos pais, faz o que nenhuma mulher jamais poderia fazer que fosse viajar, pois, segundo Woolf (2000), a falta de conhecimento adquiridos pelas mulheres pela impossibilidade de viajar dificultou a escrita feminina, porém, nossa personagem viaja somente aos cuidados do motorista do ônibus.

Além da possibilidade de viajar a sós, a protagonista se vestia de forma ousada e ao mesmo tempo ambígua, pois usa vestido de seda transparente, cinto de couro e

masculino. Também faz uso de batom muito vermelho. Podemos perceber esses detalhes quando diz:

> Estou com um vestido de seda natural, bastante surrado, quase transparente... É um vestido sem mangas, muito decotado...Uso-o com um cinto de couro, talvez de um de meus irmãos... O que há de inusitado naquele dia é o chapéu de homem em sua cabeça, com abas caídas, de feltro cor-de-rosa com uma larga fita preta.
> A ambigüidade determinante da imagem está no chapéu.
> Nenhuma mulher, nenhuma moça usava chapéu de feltro masculino, na colônia naquela época. Nem mesmo as nativas... Subitamente é algo desejado. Subitamente vejo-me como outra, como outra será vista, lá fora, a disposição de todos, à disposição de todos os olhares, lançada na circulação das cidades, das estradas, do desejo (DURAS, 1985, P.15, 16, 17).

É perceptível a crise econômica vivenciada pela família da protagonista, na citação acima podemos notar isso facilmente com descrição da vestimenta e dos acessórios usado pela garota de quinze anos. Além dos problemas financeiros percebemos também a audácia da personagem que ainda é uma adolescente, mas veste-se e comportam-se como uma jovem experiente, cheia de vontades mesmo as que contrariam os bons comportamentos exigidos pelos padrões sociais.

De acordo com Beauvoir (1980) não é o sexo que determina a superioridade e a inferioridade do homem e da mulher, mas os posicionamentos estabelecidos pela sociedade e exigidos pelas convenções sociais. Porém, nos deparamos com uma personagem descrita antagonicamente e que desestrutura os padrões literários canônicos, divulgando assim o novo estilo da escrita feminista.

Em uma de suas viagens na travessia da balsa que a levaria a Saigon e ao pensionato onde morava na temporada de aula, ela conhece o chinês que viria a ser seu amante por um ano e meio. Ela desce do ônibus e se direciona à beira da balsa para avistar melhor o rio e as paisagens, enquanto isso:

> O homem elegante desceu da limusine, fuma um cigarro inglês. Olha para a moça com um chapéu masculino e sapatos dourados. Aproxima-se dela lentamente. Percebe-se que está intimidado. Não sorri logo no começo. Oferece um cigarro. Sua mão treme. Ela diz que não fuma, agradece. Não fala mais nada, não diz que a deixe em paz (DURAS, 1985, P.37).

A presente citação nos reporta à *fase feminista*, com características de uma escrita que liberta as personagens femininas das opressões sociais, que as encoraja a se

aventurar sem medo ou pudor. O encontro entre a protagonista e o chinês mostra-nos uma menina que não se intimida nem um pouco com a presença de um homem estranho. A protagonista não pede que o chinês se afaste, também não se preocupa com o que as pessoas pensariam a seu respeito, por isso aceita que o homem da limusine preta a leve ao pensionato: "Permite-me levá-la até sua casa, em Saigon? Ela concorda". (DURAS, 1985 p. 38) Na época em que as mulheres precisavam preservar-se dos comentários maldosos, cultivar o casamento e a formação de famílias, nunca uma adolescente faria a mesma coisa.

Mais uma vez, a personagem vai de encontro ao pensamento das críticas feministas da fase feminista e a mudança no paradigma da descrição da personagem feminina, como já citado por Zolin (2003), Beauvoir (1980), Bonnici (2007), entre outros. A nossa protagonista foge a todos os padrões predominantes da sociedade patriarcal, seu maior sonho não é casar e nem construir família, mas ser escritora de romance como nos mostra a passagem seguinte: "Quero escrever. Já disse a minha mãe: o que eu quero é escrever" (DURAS, 1985, P.25).

A menina não se prende às convenções sociais de sua época, no que diz respeito ao comportamento sexual é ousada, pois, além da carona que aceita do homem de Saigon, ela quer experimentar o sexo e o faz no primeiro encontro com o chinês, ela deseja ser possuída da mesma forma que as demais que ele levava para seu apartamento, sendo assim:

> Ele lhe arranca o vestido, joga-o longe, arranca a calcinha branca de algodão e a leva nua para a cama. Então, vira-se para o outro lado e chora. E ela, lentamente, com paciência, ela o traz para perto e começa a despi-lo. Ela faz tudo com os olhos fechados. Lentamente. Ele procura ajudá-la. Ela pede-lhe que não se mexa. Deixe-me. Diz que quer fazer isso sozinha. E faz. Ela o despe. [...] Ele geme, chora. Dominado por um amor abominável. E chorando ele realiza o ato. A princípio, a dor. E depois a dor se transforma, é arrancada lentamente, transportada para o prazer, abraçada ao prazer. (DURAS, 1985, P.43, 44)

A menina branca se entregou a um homem que jamais poderia lhe oferecer uma família com filhos e todas as garantias que o casamento proporcionava a uma moça de sua época, pois, além de ter se entregado ao sexo antes do casamento, faz isso com um homem de raça e classe social completamente antagônica, ele era chinês, ela era francesa e branca, ele de família muito rica e ela de família muito humilde.

Como podemos perceber a personagem realiza os anseios de muitas mulheres em busca de sua independência e liberdade para tomar suas próprias decisões sem se ater às amarras impostas pela sociedade patriarcal. Ainda muito jovem, porém de uma maturidade inesperada, a protagonista insiste em realizar o ato sexual, nem por um momento ela pensa em desistir, pois estava segura de seu desejo, por isso realiza-o praticamente sozinha, sem medo e nem remorso. Ela domina seu amante durante toda a relação sexual, isso é notável quando diz: "Digo-lhe que venha que me possua outra vez. Ele obedece". (DURAS, 1985, p.47). O poder da menina inexperiente se sobrepõe ao chinês anos mais velho. A cada citação percebemos que este romance reflete bem a fase feminista na literatura, que discute a maneira discriminatória e estereotipada como as personagens femininas são mostradas no cânone literário masculino, pois a personagem protagonista reverte os valores masculinos impostos a si.

Foi numa família desestruturada que a menina franzina fora criada, sem afago, amor e união entre os membros da família, tiveram uma vida miserável, não só economicamente, mas, principalmente, sem amor, respeito e companheirismo. Talvez por isso a menina branca tenha amadurecido de forma inesperada, sua sexualidade ocorreu precocemente aos quinze anos e meio, antes do casamento, como deveria ser segundo os princípios patriarcais.

E a menina branca, apesar de ser corajosa e rebelde, tem um corpo mirrado com aparência de criança ainda em formação, porém, isso não é empecilho para a protagonista ter atitudes de mulher determinada e bem resolvida. Seu poder não vem do corpo franzino, mas da forte personalidade e coragem de se impor ao homem que ao invés de dominar é dominado. A narração descreve nitidamente a fragilidade do corpo da menina de apenas: "Quinze anos e meios. O corpo é franzino, quase mirrado, seios ainda de criança, pintada de rosa-pálido e vermelho". (DURAS, 1985, p.25) Foi com essa aparência física que a garota da colônia francesa conquistou o seu amante chinês.

Notamos que o poder da mulher não estava na força física, mas, na personalidade, nas atitudes e ações que norteariam seu caminho em busca do autoconhecimento, citado por Zolin (2003) na fase fêmea. A relação da protagonista com a mãe não era das mais fáceis, pois tinham personalidades distintas, suas atitudes eram completamente opostas. No que tange aos sonhos e perspectivas de vidas elas se distanciavam cada vez mais, o amor excessivo da mãe pelo irmão mais velho causava horrores à menina branca que chegou a desejar a morte dele para se livrar de sua

presença que fazia toda a família sofrer. Embalada pela revolta causada pelos aborrecimentos do irmão mais velho e o amor ardente da mãe para com seu primogênito, ela diz:

> Eu queria matar meu irmão mais velho, queria matá-lo, derrotá-lo uma vez, uma única vez e vê-lo morrer. Para afastar dos olhos de minha mãe o objeto do seu amor, aquele filho, para puni-la por amar com ardor, tão mal, e sobre tudo para salvar meu irmãozinho, eu pensava, meu irmãozinho, meu menino, da opressão da vida desse irmão mais velho, [...] da lei que ele representava, promulgada por ele, um ser humano, e que era uma lei animal (DURAS 1985, p.11)

A citação acima vem confirmar a degradação de uma família que vivia em constantes atritos entre si causados pela opressão do irmão mais velho com o consentimento da mãe, esse irmão era completamente autoritário e furtava a mãe, os empregados, era viciado em jogo, o que levou a família à falência. Para compreender melhor a falta de escrúpulos deste irmão, vejamos a passagens em que a menina o descreve:

> Ele rouba dos criados, para ir fumar ópio. Rouba de nossa mãe. Remexe nos armários. Ele rouba. Ele joga. Meu pai havia comprado uma casa em Entre-deux-Mers, antes de morrer. Era o único bem que possuíamos. Ele joga. Minha mãe a vende para pagar suas dívidas. Mas isso não chega, nunca chega. (DURAS 1985, p. 83)

Deparamos-nos com uma típica família patriarcal que vivia de aparências, omitindo a realidade, em que a mãe endossa o que o filho mais velho faz, pois vê nele a figura masculina que deveria gerenciar a família na falta do pai. Contudo, a protagonista, nosso objeto de pesquisa, repudia a vida familiar e o comportamento do irmão e da mãe. Percebemos que embora o irmão mais velho tente impor sua autoridade, a menina franzina consegue intimidar esse irmão violento e opressor, isso fica evidente quando diz ao amante de Cholen: “Digo-lhe que não tenha medo. Não corre nenhum perigo. Por que a única pessoa que assusta o irmão mais velho, na frente de quem curiosamente ele se intimida, sou eu” (DURAS, 1985, p. 60, 61). A busca pela igualdade entre os sexos citada nos movimentos feministas e faz-se presente na obra analisada.

Apesar dos problemas familiares, há um forte amor e cumplicidade entre a menina e o irmão mais novo, ele é talvez o maior de todos os amores de sua vida, por ele ela luta e enfrenta o irmão mais velho e quando não consegue protegê-lo sofre junto com ele os maus tratos do irmão mais velho. Vejamos o momento que seria de partilha,

mas que se transforma em conflito e sofrimentos entre os membros da família, em que o irmão mais velho diz:

> Lembra que os pedaços maiores de carne lhe pertencem, o irmão não deve esquecer. Sem isso, diz ele. Pergunto: por que para você? Ele diz: por que sim. Digo: queria que você morresse. Não consigo mais comer. Meu irmão mais novo também não. Ele espera que o irmão mais novo ouse dizer uma palavra, uma única palavra, seus punhos cerrados já estão prontos sobre a mesa para atacá-lo. O irmão mais novo não diz nada (DURAS, 1985, p. 88)

Apesar das diferenças entre mãe e filha, a mãe desejava que a filha estudasse e casasse como de tradição naquela época. Ao descobrir que com a desonra da filha isso já não era possível, tem um ataque de loucura e espanca-a de forma enérgica e impiedosa, conferimos agora esse episódio de violência e desespero com o trecho da obra descrito pela protagonista:

> Tranca-me no quarto, espanca-me com os punhos fechados, esbofeteia-me, tira minha roupa, aproxima-se de mim, apalpa meu corpo, examina minha roupa de baixo, diz que sente o perfume do homem chinês, vai mais longe, verifica se há manchas suspeitas na roupa e berra, toda a cidade pode ouvir, que a filha é uma prostituta, que vai expulsá-la, que quer vê-la morta e que ninguém vai querer saber dela, que está desonrada, que uma cadela tem mais valor [...]. Juro por minha vida que nada aconteceu, nem mesmo um beijo (DURAS, 1985, p. 65,66).

Nem as agressões físicas são o suficiente para fazer a menina se render, ela sofre, mas não se entrega e nem entrega o frágil amante chinês, carrega para si todas as consequências praticadas por ela e o homem de Cholen. A mãe era tão machista quantos aos homens de sua época, que valorizava mais a virgindade da filha que sua realização sexual, acreditava que a perda da virgindade significava perda total da mulher, pois, de acordo com o pensamento patriarcal, uma mulher sem virgindade só servia para ser prostituta, Ainda que tenha negado o fato, a mãe não se convence da inocência da filha, com o passar do tempo em conversa informal as duas falam sobre as decorrências ocasionadas pela perda da “honra” da menina branca, a diferença de personalidades e comportamento entre as duas é muito clara na presente passagem:

> [...] sabe que está acabado? Que nunca poderá se casar aqui, na colônia? Encolho os ombros, rio. Digo: posso casar-me em qualquer lugar, quando quiser. Minha mãe balança negativamente a cabeça. Não. Ela diz: aqui tudo se sabe, aqui você não pode. (DURAS, 1985, p. 102).

Podemos salientar que a forte personalidade da protagonista não foi herdada da mãe, pois ela diz claramente que suas atitudes eram antagônicas às da filha, o trecho da narrativa nos leva a pensar que a mãe gostaria de ter tido a ousadia da menina rebelde quando diz “eu não sou como você, tinha mais dificuldade para os estudos e era muito compenetrada, fui assim durante muito tempo, até tarde demais perdi o gosto pelo prazer” (DURAS, 1985, p. 102). Enquanto a mãe permite que a vida passe por ela sem nenhuma emoção, a filha passa pela vida buscando viver o que de melhor a vida poderia lhe proporcionar sem medo dos preconceitos, e nem das incertezas do futuro.

A intensidade com que a protagonista dirigia sua vida fez com que sofresse muito preconceito, pois após a descoberta do seu caso com o chinês, ela passou a ser ignorada pelas colegas do pensionato, somente sua colega de quarto, também de pele branca, Hélène Lagonelle, lhe dava atenção e lhe fazia companhia, além disso, se preocupava todas as vezes que a amiga demorava a voltar. Vale ressaltar que Hélène foi por um tempo objeto de desejo da protagonista, pode-se constatar essa aspiração na fala da protagonista: “Sinto-me extenuada de desejo por Hélène Lagonelle”. (DURAS 1985, p. 81). Hélène admirava a amiga e compartilhava do mesmo desejo da jovem rebelde de não se casar, mas, em contrapartida, não dispunha da inteligência da colega, era obediente às regras do pensionato e submissa aos pais, por fim foi levada do pensionato pelos pais para se casar contra sua vontade com um homem desconhecido por ela. Esse era o conhecido casamento arranjado por convenções sociais, políticas e econômicas, características da era patriarcal. Notamos que Hélène compartilha das mesmas ideias da menina, mas não consegue romper com as amarras sociais.

A protagonista anônima escreve sua história sem medo de citar os detalhes mais obscuros, não se prende às convenções sociais, as incertezas do futuro, por isso entrega-se aos prazeres da vida muito cedo. Nas mãos de um chinês de aparência franzina ela resolve comandá-lo desde as relações sexuais aos sentimentos mais profundos, mantendo-se sempre a dona da situação. A passagem seguinte descreve o poder de comando da menina branca: “Ele está em cima de mim, penetra-me novamente. Ficamos assim abraçados, gemendo entre o clamor da cidade lá fora [...]. Meu amante é anulado em seu corpo fraco, justamente naquela fraqueza que me enche de prazer” (DURAS, 1985, p. 51,59).

Percebe-se que o chinês não tem poder de domínio sobre a menina, se na era patriarcal o homem dominava todas as situações relacionadas ao sexo feminino, na

presente citação é uma mulher que comanda os atos e os sentimentos de um homem que se rende aos encantos e as seduções de uma menina, mas, com atitudes de uma mulher forte, determinada e muito à frente de seu tempo.

Poder de sedução, forte personalidade, determinação e atitudes deram à menina coragem suficiente para realizar seus desejos e devaneios, atos até então totalmente proibidos e repudiados pela sociedade. Porém as proibições, restrições e obrigações nada mais eram que simples obstáculos a serem ultrapassados por essa protagonista que decidiu seguir suas convicções para alcançar seus objetivos:

> Ela lhe diz: preferiria que você não me amasse. Ou, mesmo me amando, que se comportasse como se comporta com as outras mulheres. Olha para ela espantado e pergunta: é o que você quer? Responde que sim. Ele começou a sofrer lá, naquele quarto, pela primeira vez, não nega isso. Diz que sabe que ela jamais o amará (DURAS, 1985, p. 42).

Percebemos que o maior desejo da menina era a liberdade, não queria compromisso, almejava ser livre, independente do poder opressor masculino, não se prenderia nem ao amor, menos ainda às convenções sociais, não levava jeito pra ser mandada, mas para comandar. A citação acima demonstra com clareza sua tomada de decisão, suas atitudes e iniciativas, ela pratica ações que eram destinadas somente aos homens, por serem considerados sexo forte.

É notório o quanto a menina influencia o seu amante, ele se permitia por vontade própria ser dominado por ela, ele a amava, por isso realizava todos os seus desejos, muito embora suas atitudes o tornassem um ser fraco, discriminado pela sua espécie, incapaz de despertar admiração aos familiares e à própria amante. Notamos com clareza a falta de entusiasmo da menina pelo homem de Cholen quando descreve: “Meu amante é anulado em seu corpo franco, justamente naquela franqueza que me enche de prazer. Ao lado de meu irmão ele se torna um escândalo inconfessável, motivo de vergonha que precisa ser escondido” (DURAS, 1985, p. 59). Em consonância com as teorias da era patriarcal, um homem que não dominava uma mulher, deveria ser motivo de vergonha, escândalo e desprezo, era dessa forma que a amante do chinês o via: sem qualidades que a fizesse amá-lo e admirá-lo, dele ela só queria prazer e dinheiro.

A desestruturação familiar pode ter sido fator determinante para a formação da personalidade da menina branca, ela perdeu o pai muito cedo, sofreu problemas financeiros, assistiu ao sofrimento do irmãozinho e também sofreu na própria pele as

punições de leis estabelecidas pelo irmão mais velho. Somente nos braços do amante chinês ela conhece o prazer, se entrega a ele sem reservas, remorsos e medos. Vejamos a citação que demonstra o prazer ardente da menina com o chinês na presente passagem:

> Ele está em cima de mim, penetra-me novamente. Ficamos assim abraçados, gemendo entre o clamor da cidade lá fora. Ainda o ouvíamos. E depois não o ouvíamos mais [...] Descubro que não tem força para me amar contra a vontade do pai, para ficar comigo, se juntar a mim. Chora com freqüência porque não tem força para amar além do medo. Seu heroísmo sou eu, sua escravidão, o dinheiro do pai (DURAS, 1985, p. 51, 55)

A citação acima demonstra a força de uma mulher que sabe o que quer o e onde deseja chegar enquanto que seu amante a figura de macheza torna-se covarde e incapaz de lutar pelos seus ideais, ele enlouquece de amor por ela, mais o dinheiro é mais importante que sua realização sentimental. Ela não confessa seu amor, porém, enfrentou a discriminação e o despreza tanto da família quanto da sociedade para viver sua paixão. O amor do chinês pela garota indomável foi tão forte que apesar da fraqueza ele resolveu pedir permissão do pai para casar-se com ela, apesar da diferença da classe social, mas em resposta ao pedido do filho o pai diz: “O Pai repetiu que preferia vê-lo morto” (DURAS, 1985, p. 91). Restava ao chinês a dor e o sofrimento da separação de seu grande amor.

Na presente passagem, deparamo-nos com posições inversas ao que seria tradicional, ao contrário da protagonista, o chinês se prendia às convenções sociais, amava-a, mas não foi capaz de abdicar os valores sociais e econômicos para viver seu amor. Ele sofre e chora, mas se rende às imposições do pai em se casar com uma chinesa predestinada para ele há dez anos. Sua amada parte para França, ele casa-se na certeza de que nunca mais amaria outra mulher como a menina branca. A protagonista que sempre negou seu amor pelo chinês chora ao partir e ao se dar conta de que a separação era definitiva.

Passados muitos anos, o chinês e sua esposa vão a Paris, ele liga para sua amada e diz que: “[...] sabia que ela começara a escrever, soubera pela mãe, com quem se encontrou em Saigon, também soube do irmãozinho, ficara triste por ela [...] Disse que continuava como antes, que a amava ainda, que jamais poderia deixar de amá-la, que a amaria até a morte”. (DURAS, 1985, p. 102) Mesmo que a protagonista tenha negado seu

envolvimento com o homem de Cholen, que o tenha discriminado por ser fraco e ser chinês, ela abdica de outros relacionamentos por dois anos, nos levando a considerar que a protagonista omitiu de si mesmo o devastador amor que sentiu pelo homem que a fez mulher e lhe amou fervorosamente durante o tempo que passaram juntos e mesmo depois de separação e com a promessa de perduração desse amor por toda a vida.

Portanto, a história desta protagonista sem nome nos posiciona num tempo em que as opressões literárias femininas deram espaço à livre criação de personagens sem estereótipos, as mulheres não precisavam mais de pseudônimos masculinos, eram livres para criar seus personagens de acordo com as férteis imaginações, como é caso da nossa personagem e objeto de análise.

A protagonista de *O amante* é o tipo de personagem moderna, com liberdade de agir espontaneamente sem se ater às convenções sociais e determinada a viver a vida intensamente, senhora de seu destino, de seus desejos e vontades. A menina rebelde é o tipo de personagem que vai a busca do autoconhecimento, do descobrimento de si e dos prazeres da carne, algo desconhecido por muitas mulheres ainda hoje. Beauvoir (1980, p. 404) cita que "não se nasce mulher, faz-se mulher", característica da protagonista anônima de *O amante,* que se faz mulher através das atitudes ostentadas ao longo da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pautou-se sobre o feminismo literário, numa análise que buscou, inicialmente, descrever a posição ocupada pela mulher ao longo do tempo, historicamente e, em seguida, descreveu os movimentos literários feministas, seus objetivos, suas características, enfim. A partir da análise bibliográfica sobre o feminismo literário e do breve levantamento histórico dos movimentos feministas e literários é possível verificar o avanço da personagem de quinze anos e meio, da obra *O Amante,* de Marguerite Duras, diante da sociedade patriarcal que vivia em uma época em que as mulheres não tinham poder de decisão.

A análise demonstra que personagem está adiante de seu tempo, tem pensamentos e atitudes contrários aos valores patriarcais e sexistas, por isso é taxada como mulher sem valor, sem dotes para o casamento, ou seja, uma prostituta que deveria ser banida do meio social. A personagem, nosso objeto de análise, era

considerada suja por ter um o amante, ou seja, praticar o sexo antes do casamento. A menina de quinze anos e meio, no início da narrativa, era uma estudante infeliz, triste e com o sonho de ser escritora, fora criada num ambiente de hostilidade, desonestidade, de pobreza afetiva e financeira, somente ao lado do amante chinês encontra paz, prazer e algum sentido na vida, porém, em troca a esse prazer, sente na pele a discriminação e desprezo das pessoas.

Após a análise, percebe-se que a menina fora vítima de uma família e sociedade machista, que classificava o sexo feminino como um ser inferior, sem direitos, sem voz e nem vez, cabia às mulheres a obediência, primeiramente ao pai e posteriormente ao cônjuge. Porém, a personagem principal da narrativa analisada contraria todos esses valores sociais que reprimiam e anulavam a mulher, pois se torna amante de um homem mais velho, de classe e raças distintas da sua. Entrega-se ao prazer sexual sem preocupar-se com o que diria sua mãe, seus irmãos, a sociedade, enfim. Não se vê "perdida" após estes atos, pois sabe que conseguiria, mesmo enfrentando os paradigmas patriarcais, encontrar um lugar nesta sociedade que a aceitasse.

Enfim, vale ressaltar que a análise da personagem do romance *O Amante* enfatiza a idealização da mulher numa época em que não tinham direitos, numa sociedade opressora e sexista. A menina de quinze anos e meio surge como marco que define os dois momentos da história feminista, a mulher submissa e a mulher independente e determinada. No entanto, muito ainda pode ser dito em relação e este romance, através de análises literárias e de suas averiguações sobre a questão de identidade da mulher independente, antes pouco debatida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo: Abril, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BONNICI, Thomas. **Teoria e Crítica literária feminist**a: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

DURAS, Marguerite. **O amante**. 4ª ed. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MARGUERITE DURAS (1914-1996). Disponível em <http://www.kirjasto.sci.fi/duras.htm> acesso em: 10 abril de 2012.

MICHEL, André. **O Feminismo**: Uma abordagem histórica. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

O AMANTE, Marguerite Duras. Disponível em < **http://vertentes.realbb.net/t1181-o-amante-marguerite-duras>** Acesso em 27 abr 2012.

ROBBE-GRILLET, Alain. **Por um Novo Romance**. Trad. Cristóvão Santos. Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.

ZOLIN, Lucia Ozana. Crítica Feminista In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia Ozana. **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá Eduem, 2003a p - 161-183.

ZOLIN, Lucia Ozana. Literatura de autoria feminina In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia Ozana. **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003b, p - 253-261.

WOOLF, Virginia. **A room of one's own**. London: Penguin, 2000.